

ALADAR SZABO E O POLO AQUÁTICO BRASILEIRO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ESPORTE

Silvio Telles

RESUMO

A construção de uma identidade, que é crucial para a coesão de um grupo, ocorre em um jogo social onde os atores envolvidos inventam ou descobrem laços comuns que os diferenciam dos demais. Assim através da história oral realizamos entrevistas sobre a existência de ídolos que pudessem ter contribuído para a difusão do polo aquático brasileiro. Fruto dessas entrevistas e de uma revisão de literatura, que apontou os anos entre 1960 e 1970 como sendo um período significativo da história do polo aquático, é apontada a figura de Aladar Szabo, reconhecido até hoje como o ícone do polo aquático nacional.

Palavras - Chave: Polo Aquático – História – Aladar Szabo

ABSTRACT

The construction of identities, which is crucial to the cohesion of a group, happens on a social game where the actors involved create and discover bonds that make them different from the others. This way, through oral history, interviews were carried out to discover the existence of idols that could have contributed to the dissemination of the Brazilian water polo. The results of these interviews and a literature revision pointed the years between 1960 and 1970 as an important time of this game history. A person of note is Aladar Szabo, who is recognized until today as an icon of water polo.

Key Words: Water Polo, History, Aladar Szabo.

RESUMEN

La construcción de una identidad es crucial para la cohesión de un grupo en un juego social donde los actores envueltos inventan o descubren vínculos que los distinguen de los otros. Así por medio de la historia oral realizamos entrevistas sobre la existencia de ídolos que podrían haber contribuido a la difusión del polo acuático brasileño. Resultado de esas entrevistas y de una revisión de literatura, que apuntó los años entre 1960 y 1970 como un período significativo de la historia del polo acuático, se destaca Aladar Szabo, reconocido hasta hoy como un ícone del polo acuático.

Palabras llaves: Polo Acuático, historia, Aladar Szabo.

São bastante conhecidas as racionalizações ou justificativas sobre a “estatura” de esportes de baixa adesão: falta de apoio do governo e/ou da iniciativa privada, falta de patrocínio financeiro, falta de uma administração profissional, falta de divulgação... No outro extremo, temos esportes como o futebol, onde as explicações sobre o seu alto grau de impacto assumem um caráter quase que esotérico: populares, jornalistas e até pessoas do meio acadêmico justificam a grande adesão ao futebol em função de delegarem ao povo brasileiro um gingado, uma tendência natural que possivelmente

facilitaria a prática e com isso uma maior identificação com o futebol. Respostas desta natureza sempre lançam mais escuridão do que luz sobre o entendimento do fenômeno esportivo e suas implicações sócio-históricas.

A permanência de uma modalidade no cenário esportivo de um país não se dá sem o apoio de suas entidades competentes, como as confederações e federações; porém, além desse apoio, a intervenção da mídia é extremamente importante para o aumento do número de praticantes, de espectadores e, conseqüentemente, de pessoas interessadas em patrocinar um esporte. Resultados expressivos e o aparecimento de ídolos também contribuem sobremaneira para elevar o interesse na modalidade. É comum, ainda, discutir-se a permanência de um esporte através da construção de identidade. A construção de uma identidade, que é crucial para a coesão de um grupo, ocorre em um jogo social onde os atores envolvidos inventam ou descobrem laços comuns que os diferenciam dos demais. Para tornar-se popular, uma modalidade esportiva deve ter atores sociais interessados em divulgá-la, envolvendo outras pessoas e grupos, e investindo em seu crescimento.

A partir dessas considerações, pode-se concluir que respostas mais plausíveis sobre o processo de difusão ou permanência de modalidades esportivas, sejam elas de grande ou de baixo impacto, podem ser elaboradas a partir de diferentes perspectivas históricas e sociológicas.

De todas as questões levantadas para a manutenção de um esporte no *hall* dos mais praticados, o ídolo surge como um ícone que facilita o processo de disseminação do ideário do esporte que ele representa. Será que o polo aquático nacional teve seu ídolo? E qual sua possível influência no processo de coesão? Para atingir este objetivo, procuramos, através da literatura da área, jornais e revistas de época, voltar às origens do polo aquático no Brasil e acompanhar sua trajetória, para apontar características específicas que estão ligadas à prática desse esporte desde que aqui foi implantado. Além dessas fontes documentais, e abrindo uma segunda linha de pesquisa, através da história oral entrevistamos jogadores, ex-jogadores, técnicos e dirigentes, buscando, a partir dos dados oferecidos pela memória desses atores sociais envolvidos com a prática do polo aquático nacional novas formas de entender a construção da coesão desse esporte.

Nessa revisão, os anos compreendidos entre 1960 e 1970 representaram um momento de extrema relevância para o polo aquático nacional. Participamos de três edições seguidas de Jogos Olímpicos, 1960(Roma), 1964(Tóquio) e 1968 (México) além da conquista da hegemonia de Sul-Americanos¹ e o inédito e único título Pan-Americano que conquistamos até hoje, em 1963(São Paulo). Desse período significativo identificamos a presença de um homem que é mencionado como o ícone do polo aquático brasileiro sendo, muitas vezes, atribuído a ele muito destas inúmeras conquistas. O seu nome era Aladar Szabo.

Do ponto de vista teórico, essas questões são relevantes na medida em que a sociologia do esporte no Brasil não dá muita atenção aos esportes de baixa adesão. Poderíamos mesmo dizer que, no contexto latino-americano, o estudo histórico e

¹ O Brasil começa a vencer mais vezes os campeonatos Sul-Americanos a partir de 1962: 1929 – Uruguai -1934 - Argentina -1935 - Brasil - 1937/1938 - Uruguai - 1946 – Brasil - 1947 – Argentina – 1949- Uruguai- 1952- Argentina- 1954 - Brasil- 1956 - Argentina- 1958-Brasil e Argentina -1960 - Argentina 1962/1963/1965/1972/1974/1976/1978/1980 - Brasil

sociológico do esporte, depois de sair do ostracismo acadêmico, a partir dos anos 80 centrou seu foco de análise basicamente na relação futebol / sociedade (Alabarces, 1999). Por esta razão, estudos de esportes considerados periféricos ou de pequenos grupos (elites) podem trazer novos elementos para a análise do estilo de vida esportiva e, por extensão, da própria dinâmica social e cultural de nossa sociedade.

Assim, a organização do estudo foi determinada pela interpretação dos elementos que iam sendo levantados e que, no decurso da pesquisa, se reencontravam. A história do polo aquático brasileiro e as entrevistas que realizamos traziam dados sócio-históricos que merecem ainda serem aprofundados

Também utilizamos as influências do mito da masculinidade que estabelece relação entre as características que construíram a identidade do praticante de polo aquático e aquelas que compõem o mito da masculinidade. Os trabalhos de Sócrates Nolasco (1995, 2001), ao abordarem a subjetividade masculina sustentando-se no conceito de virilidade, bem como a conexão da virilidade com o mundo do trabalho e da violência, fornecem o suporte teórico para apresentarmos e analisarmos a figura de Aladar Szabo, que a literatura da área e as entrevistas realizadas apontam como ícone do polo aquático no Brasil.

Aladar Szabo

É normal e compreensível encontrar divergências quando se procura listar os melhores jogadores do polo aquático brasileiro, em seus mais de cem anos de existência. Nomes como os de Márvio Kelly, Pinduca, João Gonçalves, Castelo Branco, João Daniel, dentre outros, ocupam lugar de destaque e são sempre lembrados. No entanto, um jogador foi apontado pela unanimidade de nossos entrevistados: Aladar Szabo.

A memória, portanto, foi crucial para a construção deste do estudo, já que um percentual significativo dos dados levantados foi obtido através de entrevistas, das quais o pesquisador recortou traços que terminaram por compor a figura do biografado. E sabemos que, muitas vezes, selecionamos em nossa mente apenas o que nós interessa lembrar, ou algo que serviu de alicerce para a construção de algum conceito ou atitude.

Como ensina Le Goff (1996),

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (p. 423)

Assim, convém ressaltar que os dados que a seguir serão apresentados sobre a vida de Aladar Szabo não têm a menor pretensão de chegar à verdade no sentido positivista. Estaremos lidando principalmente com memórias, sentidos e representações construídos pelos membros do grupo de polo aquático, que vêem em Szabo um forte símbolo de sua identidade. O próprio pesquisador, por ser “de dentro”, internalizou essa memória coletiva, e a adoção de um posicionamento distanciado e o menos tendencioso possível foi uma tarefa que exigiu vigilância constante durante o desenvolvimento da pesquisa.

Aladar Szabo nasceu na Hungria, em 15 de março de 1933, na cidade de Eger e faleceu em São Paulo 12 de outubro de 1982. Seu pai, que tinha o mesmo nome, era militar; sua mãe, Petheo Irene, dona-de-casa. O pai queria que ele fosse padre; a mãe, que ele fosse pianista. Porém nenhuma dessas intenções foi acatada por Szabo. Quando saía do seminário não ia para a casa da professora de piano; fugia e ficava nadando no

clube. Aos 17 anos abandonou o seminário, e logo depois as aulas de piano, mas da piscina nunca mais conseguiu se afastar. Já era então campeão europeu de natação, recordista juvenil com 57.8s nos 100 metros nado livre. E integrava a equipe húngara de sênior, no revezamento 4 x 100. (TELLES, 2002)

Jogando polo aquático em seu time, o Vasas, desde os 15 anos começou a se apaixonar pelo esporte. Em 1952, devido aos seus potentes chutes, foi convocado como reserva da seleção húngara, que se sagrou campeã olímpica, e integrou o revezamento 4x200 livre. Logo ele iria firmar-se na equipe húngara, onde atuou de 1952 a 1956, ainda na categoria júnior que corresponde ao jogador ter entre 18 e 19 anos. (TELLES, 2002)

Ao deixar a Hungria, devido a problemas políticos² que aconteciam naquele país Szabo fugiu para a Itália, onde encontrou um país em que de polo aquático estava em franca ascendência, tanto que havia sido Medalha de Ouro em Londres (em 1948) e iria sagrar-se campeã olímpica também em Roma (em 1960). Outro fator que o levou a escolher a Itália teria sido a peculiar alegria de seu povo, como afirma Eduardo Abla (ex-jogador de polo aquático e amigo de Szabo), em sua entrevista.

Em reportagem publicada no *Jornal da Tarde* de 20 de abril de 1972, o próprio Szabo relata o momento da fuga de dentro do aeroporto para rua: “estava no saguão do Hotel Parker, em Nápoles, corri para a porta giratória e pulei na cabine de um caminhão que já me aguardava”.

Na Itália, atuou no Rari Nantes, de Nápoles, e tornou-se atração do polo aquático local. Jogou as temporadas de 1957 e 1958, e por seu desempenho recebeu convites de diversos outros países para neles atuar como jogador. Também a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) o convidou, por intermédio de João Havelange, ex-jogador do Fluminense e integrante da seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952. João Havelange³, por nós entrevistado, relatou que ouvira falar de um excelente jogador húngaro que estava atuando na Itália; ele nunca havia assistido Szabo jogar, mas tinha interesse em trazer alguém que pudesse enriquecer o polo aquático do Fluminense.

De acordo com Eduardo Abla, Szabo⁴ teria vindo para o Brasil por ter se envolvido em uma briga de trânsito com o delegado da cidade de Nápoles. Vendo a possibilidade de ser preso, preferiu sair da Itália. A escolha de nosso país se deu em função de ter ouvido falar dos predicados do povo brasileiro (um povo alegre, belas mulheres, carnaval) e por ter visto Garrincha atuar, na Hungria. E, realmente, o Botafogo realizou muitas excursões pela Europa na década de 50. Ruy Castro, em seu livro *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995) confirma que o Botafogo jogou na Hungria, no dia 22 de abril de 1956, contra um time local chamado Honved-Kimitz – que, curiosamente, venceu de goleada o time da “Estrela Solitária”, com Mané Garrincha e tudo, por 6 a 2.

No jornal *O Globo* de 30 de maio 1959, Szabo declarou que, além do Brasil, havia recebido convites para dirigir equipes de polo aquático na Grécia, na Índia e na Tunísia; mas dois amigos seus, Vinícios e Del Vecchio, jogadores de futebol da equipe do Nápoles, falavam tantas maravilhas sobre as belezas do Brasil que Szabo optou por aceitar seu conselho e vir para cá.

² Invasão da antiga URSS

³ Presidente de Honra da FIFA e ex-jogador olímpico de polo aquático pelo Brasil

⁴ Ex-atleta de polo aquático e era amigo de Szabo

Nessa mesma entrevista a *O Globo*, Szabo explica por que resolveu sair da Itália: uma lei italiana impedia que jogadores estrangeiros atuassem nas equipes esportivas locais; como tirar outro visto demoraria alguns meses, e obter uma naturalização levaria cinco anos, preferiu ir para outro país.

Observem-se discordâncias entre as narrativas de Eduardo Abla e de Szabo. Os motivos da preferência de Szabo pelo Brasil, como descritos por Abla, talvez demonstrem a tentativa de mostrar a atração de um europeu por traços da cultura brasileira, que no caso estaria representada pela alegria, pelo carnaval e pelas belas mulheres. Tais peculiaridades na personalidade de Szabo vão ser narradas por muitos dos nossos entrevistados; se não são verdadeiras, possivelmente ajudaram a criar a imagem de um homem estrangeiro com “espírito brasileiro”, tornando-o simpático mesmo para aqueles que não o conheceram.

Aladar Szabo chegou ao Rio de Janeiro em 1959, pelo navio “Conte Grande”, sendo recebido por Edson Perri, que futuramente seria seu técnico na seleção brasileira e no Botafogo. Na entrevista que nos concedeu, Perri⁵ revelou que acreditava que Szabo veio com a intenção de não voltar, devido à quantidade de malas que trouxe. Perri foi obrigado a chamar um táxi, pois as malas todas não couberam em seu carro.

Mais tarde Szabo foi apresentado ao Fluminense, que detinha a melhor equipe de polo aquático da época. Szabo deveria apenas dirigi-la; porém, devido à sua exemplar forma física, acabou por integrá-la como jogador, permanecendo em Laranjeiras (sede do Fluminense) de 1959 a 1961.

Aladar Szabo e o polo aquático no Brasil

Cabe registrar como se encontrava o panorama esportivo do polo aquático no Rio de Janeiro, no momento da chegada de Szabo ao Brasil. O Fluminense F. C. havia montado um time que por diversos anos dominou a história do polo aquático brasileiro: de 3 de fevereiro de 1952, com a vitória sobre a Associação Desportiva Floresta, até o dia 21 de outubro de 1961, quando foi derrotado pelo Botafogo por 2 x 0.

Diversos jornais acompanharam a trajetória tricolor nesse período, principalmente dando cobertura ao fatídico jogo de outubro de 1961 entre Fluminense e Botafogo, encerrado prematuramente depois que a equipe do Fluminense deixou a piscina por sentir-se prejudicada pelo árbitro da partida, Almerídio Brandão. Através de recortes de jornais pertencentes aos acervos particulares da família Szabo e de alguns de nossos entrevistados, foram levantadas as seguintes reportagens (alguns dos recortes não traziam o nome do periódico ou a data da publicação):

Botafogo quebrou invencibilidade do Fluminense: jogo não acabou
– *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 out. 1961.

Water-Polo : 2 x 0 Botafogo acabou com reinado do tricolor –
Última Hora, Rio de Janeiro, 23 out. 1961.

Primeira derrota tricolor em nove anos– *O Globo*, Rio de Janeiro, 23
out. 1961.

Tempo quente no Guanabara– [s.n., s.d].

Vitória sensacional – *O Globo*, Rio de Janeiro, [s.d.]

Depois de nove anos, perde o Fluminense – [s.n., s.d.].

⁵ Ex-técnico da seleção brasileira de polo aquático

Muitas outras reportagens encontradas pontuam algumas das 104 partidas em que o Fluminense ficou sem perder, infelizmente sem trazer a data e/ou o nome do periódico:

- Flu é Hepta no Polo aquático – [s.n., s.d].
- Campeão pela nona vez o Fluminense – [s.n., s.d.].
- Flu conseguiu 86ª vitória e o Vice-campeonato – [s.n., s.d.].
- Campeão invicto o Fluminense F. C. com 86 partidas – [s.n., s.d.].
- 87 partidas invictas – [s.n., s.d].
- Flu completou 91 jogos invictos– [s.n., s.d.].
- Fluminense tenta o penta-campeonato – *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, [s.d.].
- Tentará amanhã o Fluminense sua 100ª partida invicta – [s.n., s.d.].
- Invicto em 101 jogos e penta-campeão do Rio São Paulo o Fluminense – [s.n., s.d.].

Como vemos, espaço na mídia o polo aquático tinha, pois todas essas reportagens, colhidas nos acervos particulares da família Szabo e de alguns de nossos entrevistados, possivelmente não correspondem ao total de matérias que circularam sobre o assunto na época.

Everardo Cruz Filho⁶ participou da equipe do Fluminense no período em questão, e comenta que um outro fator importante para a hegemonia do time foi a influência do treinador italiano Paolo Costoli, que trazia em sua bagagem uma enorme experiência em esportes aquáticos. Graças a Costoli, os métodos de treinamento, a tática, a técnica, enfim, o estilo de jogo, foram completamente alterados. Outros exemplos das novas formas de treinamento introduzidas por Costoli foram os treinos com bola simulando situações de jogo, e a aproximação do polo aquático com a natação. Anteriormente, nada disso era feito; os treinamentos eram praticamente reduzidos aos treinamentos em conjunto: “coletivos”.

Sob o comando de Costoli, o Fluminense era um time rápido, de muita movimentação e arremessos. Antes dele, os arremessos eram em “gancho”, infinitamente inferiores se comparados aos arremessos de hoje (semelhantes aos de handebol). Essas contribuições de Costoli foram de grande importância não apenas para o Fluminense; posteriormente, outros clubes acabaram também por incorporá-las.

Além dos resultados dos campeonatos cariocas, alguns deles registrados nas reportagens acima apresentadas, onde a equipe do Fluminense permaneceu invicta de 1952 a 1961, obtendo o primeiro lugar e sendo o time que mais títulos conquistou até hoje, outro fato nos ajuda a evidenciar o destaque do polo aquático do Fluminense naquela época era a constituição da seleção brasileira, por volta de 1952. Com a exceção de Hiltom de Almeida, jogador do Vasco da Gama, todos os outros atletas eram do Fluminense.

Ao sair do Fluminense, Szabo transferiu-se para o Botafogo em 5 de outubro de 1961. É curioso ressaltar que no jogo de 21 de outubro de 1961, quando o Fluminense perdeu sua invencibilidade e terminou por retirar-se da partida, Szabo marcou os dois gols que deram a vitória ao Botafogo. E pelo clube da “Estrela Solitária” ele conquistou o campeonato de 1965.

⁶ ex-atleta de polo aquático e integrante da seleção brasileira de 1952

Assim, Szabo estava no Botafogo quando obteve sua convocação para integrar a seleção brasileira que disputaria o Pan-americano de 1963 e os Jogos Olímpicos de 1964, em Tóquio, já que tinha conseguido sua naturalização dois anos antes.

Desde a primeira edição dos Jogos Pan-americanos, em 1951, a Argentina e os EUA obtinham os melhores resultados. Com a presença de Szabo, a expectativa era a de que o Brasil em 1963 poderia chegar ao título. E, realmente, sendo responsável pela maioria dos gols de nossa equipe (24 gols, artilheiro da competição), Szabo ajudou a conquistar o tão sonhado campeonato. A euforia se fez ainda maior porque no ano seguinte aconteceriam os Jogos Olímpicos de Tóquio. Quatro anos antes, nas Olimpíadas de Roma, o Brasil não havia conseguido a naturalização de Szabo para que o mesmo disputasse os Jogos de Roma. Agora, a imprensa, incentivada pela conquista do Pan-americano, podia acreditar em uma colocação melhor que a de Roma, onde fomos eliminados na primeira fase.

Após a conquista do Pan-Americano, a mídia atribuiu a Szabo a maior parte dos louros pela vitória. Szabo já era então um ídolo do polo aquático brasileiro, um atleta que, segundo os relatos, dava motivos para lotar as arquibancadas das piscinas. No curto período em que figurou na seleção brasileira, ajudou a conquistar dois títulos Sul-americanos e o único Pan-americano conquistado por nós até hoje, em 1963, em São Paulo. E assim sua história ficou eternizada na memória do polo aquático e nos arquivos esportivos brasileiros.

Aladar Szabo e o Mito da Masculinidade

As façanhas de Szabo que são comentadas pela mídia e pela comunidade do polo aquático brasileiro precedem, como será visto, a sua vinda para o Brasil. O curioso, do ponto de vista acadêmico, é a intrínseca relação dessas histórias com as características sobre o mito da masculinidade que sempre contribuiu para criar o estereótipo do “jogador de polo aquático” (virilidade, força, agressividade, ser brigão, ser mulherengo...). Nesta parte do estudo, veremos como essas representações vão se encaixando dentro do perfil que Szabo possuía e/ou do perfil que lhe foi sendo atribuído, tornando-o um ícone do polo aquático nacional, uma encarnação do mito da masculinidade que durante décadas construiu e consolidou a identidade do jogador de polo aquático brasileiro.

Mas o que seria um mito? Segundo Campbell (1999), em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido, buscando viva inspiração em todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta entre o cosmos e as manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia, e os próprios sonhos que nos povoam o sono, surgem do círculo básico e mágico do mito.

A pessoa que encarna um mito afasta-se do comum dos mortais; ela se mantém fiel a ela mesma; ela tem a coragem de ser o que é. Podemos reconhecer algumas dessas características na trajetória de Aladar Szabo? Este homem, que ao nosso ver encarna o mito da masculinidade e se apresenta como um modelo para aqueles que desejam tornar-se parte integrante do grupo de polo aquático, teria sido realmente violento? Agressivo? Brigão?

Para tentarmos responder a essas perguntas, temos que considerar, de um lado, que desde a chegada do polo aquático ao Brasil era comum atrelar esse esporte e seus

jogadores a uma faceta agressiva e violenta. Isto pode ser exemplificado pela reportagem de 22 de outubro de 1961 de *O Globo*. Nessa matéria, onde fica evidente o imaginário dos “de fora” sobre o polo aquático e seus praticantes, o repórter comenta aquele conturbado jogo em que ocorreu uma briga entre os times do Botafogo (onde Szabo começara a jogar) e do Fluminense, que vinha há nove anos sem perder. O curioso é que o repórter, que se diz inveterado e irrecuperável torcedor de futebol, tenta imaginar o que ocorreu na piscina do Guanabara, uma vez que não esteve lá; para tanto, confiava na sua imaginação! A seguir apresentamos algumas passagens dessa crônica.

Water Polo é um esporte engraçado: por cima d’água tudo é muito tranqüilo, mas por baixo os jogadores usam mais as pernas para darem sarrafadas com mais violência que o Joubert. [...] De vez em quando o juiz pára a partida para contar os jogadores, e sempre faltam alguns. Aí desce um escafandrista para recolher os corpos esfaçalhado. [...] E sabe lá o que é levar uma ‘gravata’ dentro d’água? Glub! Glub! Glub! [...] E é um tal de rasgar calção que não acaba mais! Que vexame! As rouparias dos clubes fornecem durante um jogo uns oitenta, para cada craque. É por isso que o São Cristóvão não disputa o campeonato de Water Polo.

Por outro lado, a vida de Szabo tem passagens que expõem sua agressividade de maneira muito clara. Ele mesmo comenta, em matéria publicada no *Jornal da Tarde* de 20 de abril de 1972: “*Se eu tinha razão, discutia com calma; porém, se perdia a paciência, batia e pronto.*” diversas outras reportagens estabelecem a relação de Szabo com uma imagem de violência:

Tempo quente no Guanabara – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 out. 1961.

Water Polo é fogo! – *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 out. 1961.

Agressão e sangue na piscina – *Revista do Esporte*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1962.

Fluminense saiu do torneio por medo de Szabo – *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1962.

A violenta história de Szabo – *Jornal da Tarde*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1972.

Era bom de bola e de briga – *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 out. 1982.

Nas entrevistas que realizamos com os ex-jogadores Eduardo Abla, Armando Caetano, Ítalo Costa, Aluísio Marsili, José Roberto Haddock Lobo, João Gonçalves, Edson Perri e João Havelange, quase todos narram episódios ou ajudam a corroborar a condição de Szabo como o melhor jogador no Brasil que eles viram jogar. Carlos Carvalho, Solon dos Santos, Mário Souto, Luís Silva, André Raposo e Reinaldo Nunes são jogadores e ex-jogadores que também apontam Szabo como o melhor jogador de todos os tempos no Brasil, embora nunca o tenham visto em ação. É fácil perceber que este último grupo de entrevistados foi persuadido por histórias que outras pessoas viram e ouviram, e também incorporaram a figura de Szabo como sendo o melhor. Onde estaria o parâmetro de comparação? Provavelmente no imaginário de cada um!

Não cabe a este estudo decidir se Szabo foi realmente o melhor, mas mostrar como se manteve viva a memória desse ídolo, através de seus feitos, verídicos ou não.

Além de haver chegado ao Brasil com um nível técnico muito superior ao dos brasileiros que então praticavam polo aquático, a constituição física de Szabo em muito contribuiu para criar a mítica em torno do seu nome. Conversando com pessoas que tiveram uma ligação moderada com ele, verificamos que era comum que aumentassem a sua estatura. Szabo tinha aproximadamente 1.86m e pesava entre 98 e 100 kg, mas, devido aos seus feitos, sua estatura chegava aos 2.00m, na memória de alguns entrevistados.

Também registramos a fratura de costelas, dentes e narizes por ele quebrados, em um número muito superior ao que possivelmente ocorreu. Dois fatos em que essas manifestações de agressividade estão bastante patentes nas narrativas dos entrevistados. O primeiro deles ocorreu quando Szabo, protegendo a bola durante uma jogada, acertou uma cotovelada e quebrou uma costela de Everardo Cruz Filho (vulgo “Correnteza”, apelido conquistado devido às muitas vezes em que Everardo se movimentava durante a paralisação imposta por uma interrupção no jogo). O outro caso muito lembrado foi uma cotovelada na boca do jogador Álvaro Pires, do Fluminense, que teve sua mandíbula quebrada, uma grande hemorragia e a necessidade de uma plástica bucal. Acredita-se que o primeiro episódio foi um lance casual, devido à maneira viril de se jogar polo aquático. O segundo, porém, teria sido um ato intencional, como afirma José Roberto Haddock Lobo (ex-jogador e conselheiro da CBD), que presenciou o acontecido.

Diversas matérias de jornais também se referiram ao episódio:

Szabo se defende: cotovelada em Álvaro foi acidente – *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1962.

Agressão e sangue na Piscina – *Revista do Esporte*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1962.

Nesta reportagem, do dia 20 de janeiro, Szabo diz que a cotovelada não foi por querer, teria sido um lance casual de jogo. Alega ainda que tudo foi uma armação do Fluminense para eliminá-lo do esporte, já que ele havia trocado o tricolor pelo alvinegro.

Crise na seleção nacional: Técnico e jogadores recusaram – *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, [s.d.]. Esta reportagem divulga que, devido à agressão de Szabo ao jogador do Fluminense, o conselho técnico da CBD havia votado pela não-convocação de Szabo para o Sul-americano de Antofagasta, no Chile; os jogadores e o técnico da seleção se opunham a essa medida.

Estúpido o que pretendem com Szabo – *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, [s.d.]. Reportagem sobre a pretensão de dirigentes de impor a Szabo um afastamento do esporte. No texto, chega-se a comentar sobre uma expulsão do País.

Szabo será convocado pela CBD: maioria aprova, mas há reação – *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, [s.d.].

Outros dois episódios circulam até hoje no anedotário do polo aquático nacional. O primeiro foi à quebra do travessão de uma baliza de treino. Este acontecimento foi relatado a Eduardo Abla pelo próprio Szabo, que o justifica dizendo que a bola de couro estava demasiadamente encharcada e pesada (já que era de couro, e não emborrachada, como atualmente), e a baliza não era tão nova. Mas não se tem notícia de alguém haver quebrado uma trave semelhante sob as mesmas condições. O segundo acontecimento é o mais famoso de todos e, segundo Abla, Szabo teria mostrado a ele recortes de jornal que comprovavam o feito. No Rio de Janeiro, onde existem dois clubes (o Clube de Regatas Guanabara e o Botafogo Futebol e Regatas), ambos no bairro de Botafogo e

separados por uma avenida de aproximadamente 50m de largura, Szabo, de dentro da piscina, teria arremessado a bola de um clube para o outro. Somando-se aos 50m a distância entre a avenida e a piscina no interior dos clubes, a bola teria sobrevoado aproximadamente 80m!

Vemos que a fama de violento e os episódios que realçam a força física e a habilidade esportiva só fazem justificar a representação que o grupo do polo aquático brasileiro construiu de Szabo como um “homem de verdade”, que encarnaria o mito da masculinidade.

Nolasco (2001) estudou a relação do homem com a imagem do “homem de verdade”. Das entrevistas que realizou, destaca aquela em que o entrevistado expôs o seu conceito de homem, de verdade, calcado no padrão da masculinidade: “*Só se é homem de verdade ao tratar o próximo como menos homem...*” (p.78). Para representar-se socialmente, a subjetividade masculina sustenta-se no conceito de virilidade, de competição, de violência. O ter que vencer define um padrão social calcado em interações impessoais, restritas a encontros sociais e atitudes de competição. Como é construído e introjetado esse padrão?

Não aceitar a derrota era outra das características de Szabo. Uma de suas frases ficou gravada no informativo da FARJ (Federação Aquática do Rio de Janeiro, 1985) sobre a II Copa Sears de Polo aquático, onde ele ratifica sua busca incessante pela vitória: “*O treino é uma batalha, o jogo uma guerra, e o título do campeonato a vida ou a morte.*”⁷

Szabo comparou um jogo a uma guerra e, realmente, para o homem a relação com a guerra está muito próxima da representação da masculinidade. O esporte e a guerra por vezes se misturam, gerando uma relação de extrema violência e pouco apego aos princípios olímpicos pregados por Coubertin. Exemplos claros dessa mistura são o boicote dos países capitalistas aos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, e o boicote dos países socialistas aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984.

No polo aquático, temos uma associação marcante entre o esporte e a guerra. Em 1956, na fase final dos Jogos Olímpicos de Melbourne, o jogo entre Hungria e URSS, vencido com o placar de 4 x 0 pelo time húngaro, ficou conhecido como “o jogo da piscina sangrenta”. Este jogo tornou-se extremamente agressivo devido à raiva revelada pelos jogadores, pelo fato de o povo húngaro estar vendo seu país ser invadido pela antiga URSS. Os que assistiram ao jogo disseram que a água da piscina ficou vermelha de sangue.

Outro ponto inerente às guerras seria a obrigatoriedade de ganhar. Não existe outra hipótese: ou se ganha, ou perde-se a vida. Ao se incorporar o mito da masculinidade, atitudes agressivas ou violentas podem ser encobertas pelo pano de fundo desse pensamento. Esse mito, que Szabo encarna, reflete uma íntima relação com a guerra: usar de subterfúgios para conseguir ganhar uma partida, agredir o adversário para que o mesmo saia do jogo e com isso assegurar o caminho para a vitória, é algo que aparentemente não apresenta problema.

Segundo Nolasco (1995), a agressividade que a guerra comporta é uma via de expressão para as emoções. A agressividade que a guerra comporta viabiliza, com o consentimento social, a possibilidade de os homens sentirem. Privados socialmente de todos os afetos de Eros, eles crescem acumulando e investindo esta energia, devotando-

⁷ Isso transparece na educação que deu à sua filha Isabela. Ela lembra que, durante as competições de natação das quais participava, o pai lhe dizia que não saísse da água sem o primeiro lugar, já que participar qualquer um poderia, mas ganhar, somente um.

se a Thanatos. Deus grego associado à morte ou aos infernos, Thanatos era filho da noite e irmão do sono, tinha coração de ferro e corpo de bronze. Ter um corpo perfeito e guerreiro se apresenta como um indicador de masculinidade. As guerras levam os homens a coletivamente dividirem com a realidade para, a partir daí, comporem uma visão de mundo que faça parte de suas identidades e que absorva esse rompimento, não como loucura, mas como razão. O dogma da transformação da identidade dos homens ainda faz com que eles, em alguns aspectos, ajam como primatas.

Quando se referia ao esporte como uma guerra, Szabo possivelmente estava incorporando algumas das questões que aqui foram levantadas por Nolasco, e apoiava-se em tais referências quando lhe convinha utilizar-se da força para levar vantagem.

Dono de um corpo apolíneo, com uma forma física invejável, bonito, bom de briga, espírito guerreiro, Szabo detinha todos os atributos que o faziam um perfeito receptáculo para encarnar o mito da masculinidade. Somente a presença de Szabo bastava para causar medo em seus oponentes, ou em quem tinha ouvido falar em seu nome. Talvez suas atitudes se tornassem ainda mais exacerbadas quando se dispunha conscientemente a encarnar tal mito. Não é objetivo deste estudo desvendar a real personalidade de Szabo, porém é fato que essa fama lhe proporcionou inúmeras vantagens.

Essa imagem de Szabo foi sendo divulgada, até que tornou-se uma representação do polo aquático, tanto para os “de dentro” como para os “de fora”. Tal imagem poderia ser mudada? Acreditamos que esta nunca foi a intenção, nem de Szabo, nem dos que o cercavam. Renunciar a uma representação carregada de qualidades extraordinárias, de promessas grandiosas, que ao longo do tempo serviu de modelo e referência para os homens construírem seus cotidianos, não se apresenta como uma tarefa das mais fáceis. Além do que, ter um modelo a ser seguido, um mito que passa a mensagem desejada, é algo muito importante para um grupo.

Considerações Finais

O que aconteceu para que este pequeno grupo tenha se mantido unido por tanto tempo? Teria sido o amor ao esporte? Talvez para os “de dentro”, jogar polo aquático seja extremamente gratificante. Mas, partindo do pressuposto de que não foi somente o amor que manteve o esporte vivo até os dias de hoje, fomos em busca de algo mais que tivesse contribuído para que sucessivas gerações conseguissem transpor tamanhos problemas.

Creemos que a adoção de um ídolo contribuiu para forjar a imagem do jogador de polo aquático, tanto para “os de dentro” quanto para “os de fora”. Nesse ponto Aladar Szabo figurou como importante difusor dessa imagem construída de um jogador.

Do ponto de vista histórico ressaltamos que, além de o esporte, de uma maneira geral, ter sido marcado pela supremacia masculina, que ainda é visível, apesar dos grandes avanços que vêm acontecendo em termos da participação feminina, o polo aquático brasileiro, especificamente, ainda é hoje um esporte “de homens”.

Em nosso país, sua prática registra agressões e o uso excessivo da força. Isso por causa de seus primeiros praticantes, musculosos remadores que o jogavam por diversão, sem interessar-se pelas regras do esporte. A continuação dessa conduta, aliada ao pouquíssimo intercâmbio com equipes de outros países, gerava sérias desavenças dentro d’água.

Os dados colhidos nas entrevistas que realizamos atestam que, nas gerações seguintes as de Szabo, problemas disciplinares, tanto nos jogos como nas concentrações,

tornaram-se comuns dentro das delegações de polo aquático, e essas ocorrências são contadas com um certo tom de pilhéria, e não com constrangimento.

Verificamos, portanto, que a construção da identidade do grupo deu-se a partir das representações que os atores sociais envolvidos criaram sobre as características de um jogador de polo aquático, ligadas às vivências e memórias de situações de agressividade, de indisciplina, de violência, que permearam a prática desse esporte em nosso país.

Através da leitura de Nolasco (1995, 2001), procuramos estabelecer a relação entre as características que compõem a identidade do praticante de polo aquático e aquelas que compõem o mito da masculinidade. Isto nos forneceu o suporte teórico de que necessitávamos para apresentar a figura de Aladar Szabo, jogador húngaro naturalizado brasileiro, como encarnação do mito da masculinidade e, sob a perspectiva de Campbell (1999), como um herói do polo aquático brasileiro.

Aladar Szabo parece ter aglutinado todas as características necessárias para representar o ícone do “jogador de polo aquático”: forte, agressivo, violento, brigão. Além desses atributos, a memória e a imagem que os relatos fornecem sobre Szabo estão bem sintonizados com um tipo de construção tipicamente brasileira: os entrevistados atribuem a ele traços que estariam associados ao “caráter brasileiro” (mulherengo, fã do Carnaval e, acima de tudo, alegre), numa tentativa, mesmo que inconsciente, de nacionalizá-lo. Em outras palavras, a memória do grupo de polo aquático brasileiro nacionalizou Szabo para poder transformá-lo em um herói local. Ele representa um ideal de virilidade, força e poder, o que tem lhe assegurado a perenidade na memória e nos discursos dos membros do grupo de polo aquático brasileiro.

A permanência desses atributos no imaginário não só deste pequeno grupo, mas da sociedade como um todo, pode ser verificada através de episódios da telenovela “Malhação”, da Rede Globo de Televisão, exibidos durante o ano 2000, onde os jogadores da equipe de polo aquático de um colégio são retratados como brigões e agressivos, uma espécie de “*bad boys*”, termo muito utilizado para descrever os lutadores de jiu-jitsu que arrumam brigas em boates do Rio de Janeiro somente para exibir suas habilidades de luta.

Mas é possível que esteja ocorrendo uma mudança no comportamento do grupo que se dedica ao polo aquático já há muitos anos, e que o perfil dos jogadores não seja visto como tão radicalmente agressivo, como anteriormente. Tal mudança tem diversas explicações. Uma delas as mudanças na regra, como diminuição da posse de bola (hoje 30’, antes inexistente ou com menor tempo) que propiciou o esporte desenvolver novas características que o torna muito mais rápido, minimizando os antigos agararra-agarra tão peculiares em seu início.

Um bom indício foi no último mundial de esportes aquáticos, que o Brasil participou, realizado no Japão no ano de 2001, a delegação brasileira de polo aquático foi muito elogiada pela sua disciplina, como nos contou em entrevista o ex-técnico da seleção, Carlos Eduardo Carvalho, que, sendo também um ex-atleta, presenciou diversos problemas disciplinares em outras delegações das quais participou como jogador.

Como já dissemos anteriormente, a história tem um papel fundamental para perenizar um dado, assunto ou tema; sem os seus registros muito cai no esquecimento, principalmente em nosso país, que nunca primou pela preocupação de preservar suas memórias.

Através de documentos e entrevistas, procuramos transcrever passagens da vida de Aladar Szabo e reorganizar os fatos para montar o quebra-cabeça que configurou a

proposta de desenvolvimento deste estudo. Além disso, como sabemos que com o passar do tempo a memória oral vai se perdendo se não for transformada em história, podemos dizer que este foi também um dos propósitos do presente estudo: manter viva a história do polo aquático brasileiro.

Referências Bibliográficas

- ALABARCES, Pablo. *Peligro de gol*. Buenos Aires: Clacso, 1999.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix / Pensamento, 1999.
- CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 22 out. 1961.
- FALCÃO, Peter. Polo aquático volta a ser praticado após 50 anos. *A Gazeta*, Vitória, 20 maio 1996, Caderno 2, Esporte, p. 3, c.1-6.
- FEDERAÇÃO AQUÁTICA DO RIO DE JANEIRO. *II Copa Sears Rio Polo Aquático*. Rio de Janeiro: FARJ, 1985.
- _____. *Estatuto 1996*. Rio de Janeiro: FARJ, 1996.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 4 jan. 1962.
- _____, Rio de Janeiro, 9 nov. 1962.
- _____, Rio de Janeiro, 14 out. 1982.
- JORNAL DOS SPORTS, Rio de Janeiro, 4/8/ 1968.
- JORNAL DA TARDE, Rio de Janeiro, 20 abr. 1972.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- _____. *De Tarzan a Homer Simpson*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- O GLOBO*, Rio de Janeiro de 30 de maio 1959
- _____, Rio de Janeiro, 22 out. 1961.
- _____, Rio de Janeiro, 23 out. 1961.
- Revista do Esporte, Rio de Janeiro, 20 jan. 1962.
- _____, Rio de Janeiro, 27 jul. 1962.
- TELLES, Silvio de C.C. *A identidade do jogador de polo aquático e o mito da masculinidade*. (Dissertação de Mestrado) PPGF-UGF, Rio de Janeiro, 2002.
- Última Hora, Rio de Janeiro, 23 out. 1961
- VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: UNB, 1998.

Rua Manuel Vitorino 553- Piedade –Rio de Janeiro. CEP:20740-900
Departamento de Educação Física
Datashow
silviotelles@terra.com.br